

# O domínio das frases relativas preposicionadas por estudantes do ensino superior

Clara Amorim

mfamorim@letras.up.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

Para a Professora Ana Maria Brito, com admiração e estima.

## ABSTRACT.

This article intends to study the domain of relative clauses by higher education students. For this purpose, a test was designed with the objective of verifying the most used relativization strategies by students of a Bachelor's degree in Basic Education. The test was applied to 40 students and revealed that non-canonical relative clauses are the most used, especially chopping relative clauses.

## KEYWORDS.

Prepositional relative clauses; chopping strategy; contemporary European Portuguese.

## RESUMO.

Este artigo pretende estudar o domínio de orações relativas preposicionadas por parte de estudantes do ensino superior. Para o efeito, foi desenhado um teste com o objetivo de verificar as estratégias de relativização mais utilizadas por parte de estudantes do 2.º ano de uma licenciatura em Educação Básica. O teste foi aplicado a 40 estudantes e revelou que a estratégia cortadora é a mais utilizada.

## PALAVRAS-CHAVE.

Orações relativas preposicionadas; estratégia cortadora; português europeu contemporâneo.

## 1. Introdução

A investigação no âmbito da aquisição da linguagem mostra que as orações relativas são de aquisição tardia relativamente a outras estruturas sintáticas, como a coordenação ou outros tipos de subordinação, estabilizando apenas durante a idade escolar (Vasconcelos 1991; Costa

2011). Mesmo no âmbito das orações relativas, a aquisição é assimétrica, estando demonstrado que a função sintática desempenhada pelo pronome relativo é determinante. Com efeito, as relativas de objeto, aquelas em que o pronome relativo desempenha a função de complemento direto, são adquiridas depois daquelas em que o pronome relativo desempenha a função de sujeito, as relativas de sujeito (Costa, Lobo, Silva & Ferreira 2009; Costa, Lobo & Silva 2011). Esta assimetria é explicada pelo facto de o sujeito da oração subordinada se interpor entre o constituinte deslocado (que é relativizado) e a sua posição original.

Trabalhos desenvolvidos no quadro da linguística educacional sobre o ensino de português como língua materna comprovaram também dificuldades no domínio da estrutura de relativização. A análise do desempenho linguístico de alunos em ano de final de ciclo (4.º, 6.º, 9.º e 12.º anos) demonstrou que o desenvolvimento linguístico e a exposição à instrução formal favorecem o domínio da estrutura (Fontes 2008; Valente 2008). Essas investigações demonstraram também que a assimetria entre as relativas de sujeito e objeto, já descrita nos trabalhos de aquisição, se mantém até final do 2.º ciclo do ensino básico, deixando de colocar dificuldades a partir do 3.º ciclo do ensino básico, o que também se encontra relatado noutros trabalhos (Choupina 2004; Antunes & Brito 2008). No entanto, Antunes e Brito (2008) relatam uma diferença significativa no domínio das relativas: se as relativas de sujeito e objeto já estão consolidadas no final do secundário, tal como como as que recorrem a *onde* ou a *que* locativo, o mesmo não acontece com os constituintes relativos compostos por preposição e pronome. Com efeito, os autores referem que a utilização de orações relativas preposicionadas não só é pouco frequente como está na origem de construções agramaticais.

Efetivamente, as orações subordinadas relativas, em geral, e as preposicionadas, em particular, estão entre as estruturas sintáticas que colocam mais dificuldade aos falantes nativos, sendo frequente o recurso a estratégias não canónicas, independentemente do estatuto sociocultural e da idade dos falantes. Embora sejam mais frequentes na oralidade, a utilização dessas estratégias na escrita, quer em textos jornalísticos quer literários, encontra-se também descrita (Peres & Mória 1995; Arim, Ramilo & Freitas 2003; Carmo 2019; Veloso 2013).

Se a qualidade do *input* a que as crianças estão expostas é determinante na aquisição mais ou menos precoce das estruturas de relativização, a instrução formal ao longo da escolaridade básica será fundamental para a sua consolidação e aperfeiçoamento, bem como para a aquisição de estruturas que geralmente estão ausentes da fala coloquial dos adultos, como as relativas preposicionadas (Sim-Sim, Duarte & Ferraz 1997; Sim-Sim 1998). Deste modo, o papel do educador / professor é fundamental na aquisição das estratégias canónicas de relativização, sendo, por isso, indispensável que as domine, de forma a proporcionar *input* de qualidade aos alunos.

O objetivo geral deste texto é avaliar o domínio das orações subordinadas relativas preposicionadas em estudantes do ensino superior, aferindo se os problemas que ainda persistem no final do ensino secundário se mantêm. Com base em dados de produção provocada, serão analisadas as estratégias utilizadas na produção de relativas preposicionadas por parte de 40 estudantes a frequentar uma licenciatura em Educação Básica, que lhes dá acesso a mestrados de formação de educadores de infância e de professores do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

Além desta introdução, o artigo é constituído por três outras secções: na secção 2, serão apresentadas as estratégias de relativização canónicas e não canónicas do PE; segue-se a apresentação da metodologia, na secção 3, e a apresentação e discussão dos dados (secção 4). As considerações finais são apresentadas na secção 5.

## 2. Orações relativas preposicionadas

As orações relativas representam um tipo de subordinação em que a frase encaixada modifica tipicamente uma expressão nominal antecedente<sup>1</sup>, sendo introduzidas por um constituinte relativo, ou morfema-Q, que pode integrar-se em diferentes categorias gramaticais: pronome (1), advérbio (2), determinante (3) ou quantificador (4).

---

<sup>1</sup> Embora não seja relevante para o presente trabalho, refira-se que as relativas podem também modificar uma outra oração, como ilustra o seguinte exemplo: Os números de infetados continuam a aumentar, [o que preocupa as autoridades].

- (1) O filme [*que* vimos ontem] ganhou um prémio.
- (2) Gosto muito do restaurante [*onde* jantámos no sábado].
- (3) É este o aluno [*cujo* pai é um artista reconhecido].
- (4) O homenageado agradeceu a todos [*quantos* foram à festa].

A estratégia canónica para a construção das relativas implica a utilização de um morfema-Q, que se desloca da sua posição base para o início da oração, junto do antecedente (Brito 1991; Peres & Mória 1995; Brito & Duarte 2003; e.o.), como ilustra o exemplo (1), retomado agora em (5):

- (5) [O filme [*que* vimos [~~o filme~~] ontem]<sub>SN</sub>]<sub>SN</sub> ganhou um prémio.

No caso das relativas preposicionadas, o movimento da palavra-Q é acompanhado pela preposição selecionada pelo predicador, como se demonstra em (6).

- (6) Comprei [o livro [*de que* me falaste [~~do livro~~]]<sub>S<sub>Prep</sub></sub>]<sub>SN</sub>.

No exemplo dado, o pronome relativo *que* integra um S<sub>Prep</sub> encabeçado pela preposição *de*, argumento interno do predicador *falar*. É deslocado da sua posição de base (depois do predicador) - para uma posição inicial, passando a encabeçar a oração subordinada.

Esta estratégia que envolve o movimento de todo o S<sub>Prep</sub> (preposição + palavra-Q) para o início da oração recebe a designação de *pied-piping*, ou arrastamento de preposição, não sendo possível manter-se a preposição na sua posição de base (cf. (6a)), uma vez que o português europeu contemporâneo (PEC) não admite *preposition stranding*, ao contrário do que acontece noutras línguas, como o inglês (cf. (7)).

- (6a) \*Comprei o livro *que* me falaste *de*.
- (7) I bought the book (*that*) you told me *about*.

A estratégia que envolve *pied-piping* é a única considerada gramatical no PEC, sendo a única encontrada em gramáticas normativas. No entanto, são possíveis outras estratégias de relativização, que, embora mais frequentes

na fala espontânea, são também encontradas na língua escrita (e.o., Peres & Mória 1995; Brito & Duarte 2003). A secção que se segue é dedicada a essas estratégias não canónicas.

### 2.1. Estratégias não canónicas

Entre as estratégias não canónicas mais comuns para a construção de orações relativas, encontram-se a estratégia cortadora (Tarallo 1983) e a resumptiva, também designada como pronome de retoma ou com duplo preenchimento (Peres & Mória 1995; Alexandre 2000; Brito & Duarte 2003; Veloso 2013). Estas estratégias são transversais a todos os estratos sociais e graus de escolaridade e, embora ocorram principalmente na linguagem oral informal, ocorrem também no texto jornalístico (Peres & Mória 1995; Arim et al. 2003; Carmo 2019), podendo até ser encontradas em textos literários (Veloso 2013: 2127).

A estratégia cortadora, que está presente também noutras variedades do português (Alexandre, Gonçalves & Hagemeyer, 2011; Espírito Santo, 2020), caracteriza-se pela eliminação da preposição que deveria introduzir o pronome e pela utilização sistemática do pronome relativo *que* (Veloso 2013: 2128), como ilustra o exemplo que se segue.

(8) ERA® a Imobiliária *que* mais portugueses confiam. (cf. ERA® a Imobiliária *em que* mais portugueses confiam.)

Embora haja vários estudos sobre orações relativas cortadoras, não há consenso quanto aos contextos que favorecem essa construção. Com efeito, Santos (2014), num trabalho sociolinguístico sobre estas construções, conclui que, embora se registre uma maior frequência de adjuntos no *corpus*, “é com complementos que mais ocorre a ausência de preposição, contabilizando-se apenas seis casos que fogem a esta regra” (Santos, 2014: 46). Destaca também as preposições *de*, *a*, *com* e *em* como sendo as mais frequentemente elididas. Já de acordo com Veloso (2013), a utilização da estratégia cortadora é frequente quando os constituintes relativos têm valor temporal ou locativo ou quando são introduzidos por preposições semanticamente vazias, como *a* ou *de*, seleccionadas por verbos como

*falar, gostar* ou *precisar*, desempenhando a função de oblíquo argumental. Finalmente, Aßmann e Rinke (2017), num estudo baseado na análise de um *corpus* oral do PEC, concluíram que a estratégia cortadora é mais frequente em constituintes relativos com a função de objeto indireto (97,4% do total de objetos indiretos), seguindo-se as preposições verbais (93,1% do total de preposições verbais) e SPrep com valor temporal (76,8% do total de SPrep com valor temporal), locativo (58,6% do total de SPrep com valor locativo) ou objetos oblíquos<sup>2</sup> (51,5% do total de SPrep com valor oblíquo).

Apesar de não haver consenso sobre a relevância da estratégia cortadora no PEC<sup>3</sup>, o facto de estar presente no discurso oral de falantes com um nível de escolarização elevado leva alguns autores a considerar que se poderá estar perante uma mudança em curso na língua (Brito & Duarte 2003: 667; Valente 2008; Santos 2014).

A estratégia resumptiva (Tarallo 1983; Alexandre 2000) consiste no preenchimento da posição de base do constituinte relativo com um pronome resumptivo (Peres & Mória 1995: 275; Alexandre 2000: 14), também designado pronome de retoma ou pró-forma (Velo 2013: 2129). Este “pronome resumptivo” é geralmente um pronome pessoal, mas também pode ser um pronome demonstrativo, um advérbio relativo, um quantificador pronominal ou até um sintagma nominal completo (Velo 2013: 2132), que retoma o constituinte relativo, conforme ilustram os seguintes exemplos, extraídos de Alexandre (2000) e de Velo (2013):

- (9) ... vinte contos” e então, ou o achou ou o furtou. Há aquela pessoa *que* a gente olha *para ela* e diz: “Não isto...”. (cf.: vinte contos” e então, ou o achou ou o furtou. Há aquela pessoa *para quem / para a qual* a gente olha e diz: “Não isto...”) (Alexandre 2000: 80);
- (10) Acho que é uma questão *que* agora não devíamos perder muito tempo *com ela*. (cf. Acho que é uma questão *com que / com a qual* agora não devíamos perder muito tempo) (Alexandre 2000: 80);

<sup>2</sup> As autoras não explicitam a distinção feita entre “preposições verbais” e “objetos oblíquos”, limitando-se a referir que as preposições verbais são “prepositions which are part of the verb” (Aßmann & Rinke, 2017: 32), apresentando uma lista que contém verbos que selecionam um SPrep como argumento interno, portanto com a função de oblíquo argumental, como *gostar de*, *lembrar-se de*, *esquecer-se de* ou *recorrer a*.

<sup>3</sup> Alguns autores consideram que esta estratégia é menos produtiva do que a estratégia resumptiva (Peres & Mória, 1995), enquanto outros consideram que é mais produtiva do que esta, mas menos do que a estratégia canónica de  *pied-piping* (Alexandre, 2000; Arim *et al.*, 2003).

- (11) Fiquei num hotel em Veneza *que* já metade da empresa ficou *naquele* hotel. (cf. Fiquei num hotel em Veneza em que já metade da empresa ficou) (Velooso 2013: 2132).

Nesta estratégia, portanto, a preposição não se desloca com o pronome relativo, mantendo-se na sua posição original. Uma vez que o PEC não admite *preposition stranding*, o complemento da preposição tem de ser preenchido, usando-se para o efeito o pronome resumptivo.

À semelhança da estratégia cortadora, também a utilização de construções relativas resumptivas é frequente na linguagem oral de falantes com diferentes graus de escolarização (Peres & Mória 1995: 276).

### 3. Metodologia

O *corpus* que analisaremos resulta de um teste apresentado em contexto de aula a 40 estudantes de licenciatura, no qual se pedia que se unisse duas frases simples, de modo a formar uma frase complexa, seguindo um exemplo, que se reproduz em (12).

- (12) Comprei um livro na Feira do Livro. Este é o livro. → Este é o livro que comprei na Feira do Livro.

No total foram apresentados trinta exercícios, vinte dos quais exigiam a utilização de uma oração subordinada relativa preposicionada. Os restantes dez foram utilizados como distratores e implicavam a utilização do pronome relativo *que* com função de sujeito ou de objeto direto.

Optou-se por usar quase sempre a mesma estrutura sintática, de forma a manter o mais possível as condições em todas as frases. Deste modo, recorreu-se maioritariamente a frases declarativas<sup>4</sup> em que i) a oração subordinada relativa ocorre numa estrutura apresentativa e ii) o constituinte relativo preposicionado é quase sempre um argumento selecionado pela estrutura argumental do predicador, desempenhando, maioritariamente,

---

<sup>4</sup> Apenas duas das frases eram interrogativas, das quais somente uma continha uma relativa preposicionada.

a função de complemento oblíquo<sup>5</sup>. As preposições selecionadas pelos predicadores são as seguintes: *a* (cinco frases), *com* (cinco frases), *de* (seis frases) e *em* (quatro frases).

Semanticamente o sintagma preposicional (SPrep) selecionado pela estrutura argumental do predicador possui maioritariamente o traço [-humano], registando-se apenas quatro exceções: duas frases em que o SPrep é locativo e outras duas em que é caracterizado pelo traço [+ humano].

Apresenta-se na tabela abaixo os verbos a utilizar nas orações relativas preposicionadas.

TABELA 1: Verbos usados para a formação das orações relativas preposicionadas

<b>Verbo</b>	<b>Preposição</b>	<b>Tipo de frase</b>	<b>Função sintática do constituinte relativo</b>	<b>Objeto [+/- humano] / locativo</b>
Assistir	a	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Concordar	com	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Confiar	em	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Confrontar-se	com	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Contar	com	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Depender	de	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Dispor	de	Declarativa	Oblíquo argumental	[+ humano]
Entrar	em	Declarativa	Oblíquo argumental	locativo
Esquecer-se	de	Interrogativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Falar	de	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Gostar	de	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]

<sup>5</sup> Há apenas a registar a ocorrência de um complemento indireto (*sucedor a*) e de um SPrep não selecionado pelo verbo (verbo *vencer*).



Guardar	em	Declarativa	Oblíquo argumental	locativo
Habituar-se	a	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Obedecer	a	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Recorrer	a	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Prescindir	de	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Sonhar	com	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]
Suceder	a	Declarativa	Objeto Indireto	[+ humano]
Vencer	com	Declarativa	Oblíquo não argumental	[- humano]
Votar	em	Declarativa	Oblíquo argumental	[- humano]

#### 4. Resultados

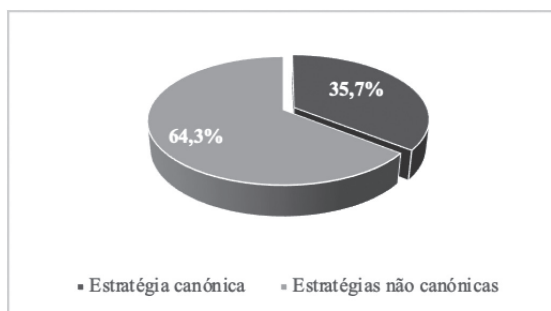
No total, foram recolhidas 1198 frases, tendo-se analisado aquelas em que se esperava a utilização de uma oração relativa preposicionada, num total de 798<sup>6</sup> frases.

Embora não seja nosso objetivo analisar as orações de sujeito e de objeto, é importante referir que os resultados evidenciam uma grande clivagem entre essas relativas e as relativas preposicionadas. Com efeito, as dez frases incluídas como distratores, nas quais deveria ser utilizado um constituinte relativo simples (o pronome relativo *que* com função de sujeito ou de objeto direto) apresentam resultados de acordo com o esperado. Já as frases em que se esperava a utilização de um constituinte relativo composto pelo morfema relativo e pela preposição apresentam resultados muito diferentes, registando-se apenas 35,7% de frases com recurso à estratégia canónica: utilização da preposição selecionada pelo predicador seguida do morfema relativo.

---

<sup>6</sup> Este número resulta do facto de haver duas respostas em branco das 800 esperadas.

FIGURA 1: Estratégias utilizadas nas construções relativas preposicionadas



Na secção que se segue serão analisadas as estratégias não canónicas utilizadas pelos informantes.

#### 4.1. Estratégias de relativização não canónicas utilizadas

Analisados os dados, verificou-se que a estratégia cortadora foi a mais utilizada, representando 95,5% das frases que não utilizaram a estratégia canónica de *pied-piping*, conforme ilustra a figura 2.

FIGURA 2: Estratégias não canónicas utilizadas nas construções relativas preposicionadas



Sob a etiqueta “outras estratégias” agrupa-se uma grande diversidade de estratégias utilizadas residualmente, a saber: i) utilização de preposição diferente daquela que é selecionada pelo verbo (cf. (13)), ii) utilização do determinante relativo *cujo* (cf. (14)), iii) utilização de oração coordenada copulativa (cf. (15)), v) utilização de estrutura passiva (cf. (16)) e, finalmente, utilização da estratégia resumptiva, ainda que sem recurso a um pronome (cf. (17)).

(13) Estes são os novos desafios *em que* nos confrontamos. (cf. Estes são os novos desafios *com que / com os quais* nos confrontamos.)

(14) Estas são as novas regras do clube *cujo* os jogadores obedecem. (cf. Estas são as novas regras do clube *a que / às quais* os jogadores obedecem.)

(15) Estas são as regras do novo confinamento e a população concordou. (cf. Estas são as regras do novo confinamento *com que / com as quais* a população concordou.)

(16) Este é o amigo que foi sucedido pelo João na presidência da empresa. (cf. Este é o amigo *a quem / ao qual* o João sucedeu na presidência da empresa.)

(17) Este é o depoimento *que* os advogados prescindiram *do depoimento*. (cf. Este é o depoimento *de que* os advogados prescindiram.)

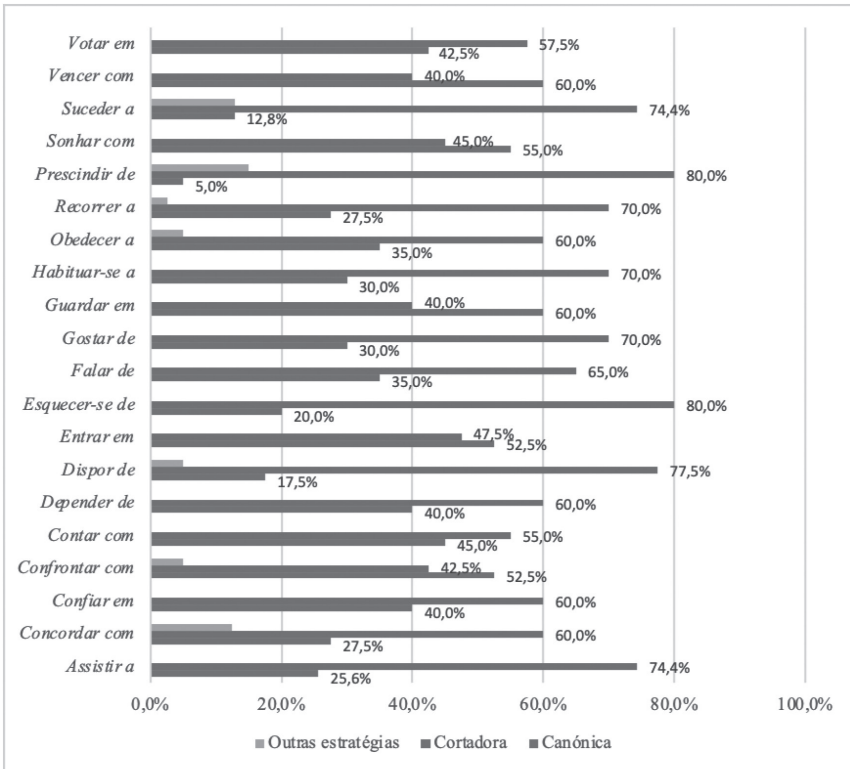
Uma vez que a estratégia cortadora é usada na quase totalidade das frases, analisaremos detalhadamente essas construções.

#### 4.2. Estratégia cortadora

Como se referiu anteriormente, a estratégia cortadora foi usada em 95,5% das construções não canónicas. Do total absoluto de 798 construções analisadas, esta estratégia representa 61,4% (490/798) das produções, quase o dobro da estratégia canónica com *pied-piping*, que foi usada em 35,7% (285/798) das frases.

Analisados mais detalhadamente os resultados, verificamos algumas assimetrias na utilização das duas estratégias, como se pode verificar na figura 3.

FIGURA 3: Estratégias de relativização utilizadas por verbo



Destes resultados, destaca-se a utilização da estratégia canónica nas frases com os verbos *confrontar (com)*, *entrar (em)*, *guardar (em)*, *sonhar (com)* e *vencer (com)*, nas quais o  *pied-piping* foi utilizado maioritariamente.

Analisados estes verbos, ressalta, em primeiro lugar, o facto de nenhum deles seleccionar preposições semanticamente vazias, como *a* ou *de*, indicadas como favorecedoras da estratégia cortadora (e.o., Veloso, 2013).

Em segundo lugar, encontramos neste grupo de verbos os dois únicos do *corpus* que seleccionam um locativo como argumento interno (*entrar* e *guardar*), contexto indicado como favorecedor da estratégia cortadora (Veloso 2013: 2128), o que poderia sugerir que o sucesso nestas construções se deveria à utilização do advérbio relativo *onde*. No entanto, analisados os morfemas relativos utilizados, conclui-se que essa hipótese se verifica

nas construções com o verbo *guardar*, mas não nas que recorrem ao verbo *entrar*. Com efeito, das 40 construções com cada um dos verbos, verifica-se que o advérbio relativo é utilizado em treze orações relativas com o verbo *guardar* e apenas em cinco com o verbo *entrar*.

A tabela que se segue apresenta os morfemas relativos usados com cada um dos verbos.

TABELA 2: Estratégias utilizadas na produção de construções canónicas

	Prep. + que	Prep. + o qual	onde	Total de estruturas canónicas
<i>confrontar</i> ( <i>com</i> )	14	7	—	21/40 (52,5%)
<i>entrar</i> ( <i>em</i> )	13	3	5	21/40 (52,5%)
<i>guardar</i> ( <i>em</i> )	7	4	13	24/40 (60%)
<i>sonhar</i> ( <i>com</i> )	17	5	—	22/40 (55%)
<i>vencer</i> ( <i>com</i> )	18	6	—	24/40 (60%)

Outro aspeto interessante a observar é o facto de o único verbo que não seleciona um SPrep como argumento interno (o verbo *vencer*) figurar entre os que apresentam mais construções canónicas. O facto de esse ser o único verbo em que o SPrep é não argumental não nos permite tirar ilações sólidas, mas parece confirmar a conclusão de Santos (2014: 46), que refere que “é com complementos que mais ocorre a ausência de Prep”.

Ao analisar os restantes verbos que selecionam as mesmas preposições que ocorrem nas construções com mais sucesso (*com* e *em*), verifica-se que, embora não seja a mais usada, a estratégia canónica é usada em pelo menos 40% das construções com os verbos *confiar* (*em*) (40%), *votar* (*em*) (42,5%) e *contar* (*com*) (45%). A única exceção é o verbo *concordar* (*com*), com apenas 27,5% de construções com *pied-piping*, sendo usada preferencialmente a estratégia cortadora (60%), ilustrada no exemplo (18). Este resultado parece confirmar o constatado em Espírito Santo (2020: 165), que refere que 53% dos seus inquiridos consideram “muito natural” a estratégia cortadora com este verbo quando o antecedente é não humano.

- (18) Estas são as regras do novo confinamento *que* a população concordou.  
(cf. Estas são as regras do novo confinamento *com que* / *com as quais* a população concordou.).

Como referido anteriormente, as construções com menor percentagem de recurso à estratégia canónica envolvem as preposições *a* e *de*, todas com um índice inferior a 40%, como se pode verificar na tabela que se segue.

TABELA 3: Estratégias canónicas utilizadas com os verbos que selecionam as preposições *a* e *de*

	Prep. + <i>que</i>	Prep. + <i>o qual</i>	Total de estruturas canónicas
<i>assistir (a)</i>	9	1	10/39 (25,6%)
<i>habituar-se (a)</i>	5	7	12/40 (30%)
<i>obedecer (a)</i>	7	7	14/40 (35%)
<i>recorrer (a)</i>	7	4	11/39 (28,2%)
<i>suceder (a)</i>	1	4	5/40 (12,5%)
<i>depende (de)</i>	7	9	16/40 (40%)
<i>dispor (de)</i>	6	1	7/40 (17,5%)
<i>esquecer-se (de)</i>	7	1	8/40 (20%)
<i>falar (de)</i>	12	2	14/40 (35%)
<i>gostar (de)</i>	11	1	12/40 (30%)
<i>prescindir (de)</i>	0	2	2/40 (5%)

Os piores resultados (com percentagens de *pied-piping* inferiores a 20%) verificam-se com os verbos *prescindir de* (5%), *suceder a* (12,8%), *dispor de* (17,5%) e *esquecer-se de* (20%).

Deste grupo de verbos, há a ressaltar o facto de apenas um (*suceder a*) selecionar a preposição *a*, sendo também este verbo o único do *corpus* que seleciona um argumento interno com função de objeto indireto. Este verbo, juntamente com *prescindir de*, foi um dos que registaram mais construções alternativas, como ilustram os exemplos que se seguem.

- (19) Este é o amigo que sucedeu o João na presidência da empresa.  
(20) Este é o amigo que foi sucedido pelo João na presidência da empresa.

- (21) Este é o amigo que sucedeu ao João na presidência da empresa.
- (22) Este é o amigo que antecedeu o João na presidência da empresa.
- (23) Este é o amigo e o João sucedeu-o na presidência da empresa.

Em várias destas construções (cf. (19), (20)<sup>7</sup> e (23)), o verbo subcategoriza um SN como objeto direto, mas a construção (21) sugere que o problema colocado por este verbo pode dever-se ao seu significado<sup>8</sup>. A estratégia usada em (22) permite ultrapassar a dificuldade colocada pelo *pied-piping* através da utilização de um verbo antónimo transitivo direto.

Saliente-se também o facto de este verbo ser o único com antecedente humano, o que implicaria o recurso ao pronome relativo *quem*. No entanto, este pronome nunca foi utilizado, recorrendo-se ao pronome relativo invariável *que* numa única construção (cf. (24)) e ao pronome relativo com as marcas flexionais [+masc, +sing] (*o qual*) (cf. (25)) nas restantes construções canónicas.

- (24) Este é o amigo *a que* o João sucedeu na presidência da empresa.
- (25) Este é o amigo *ao qual* o João sucedeu na presidência da empresa.

Nas construções cortadoras, recorreu-se invariavelmente a *que*, o que parece confirmar que “os falantes não aceitam frases relativas cortadoras introduzidas por *quem*, quando o antecedente é humano” (Espírito Santo, 2020: 167).

Analisados globalmente os resultados de não realização por preposição, confirma-se uma assimetria entre as preposições:

Como se pode verificar na figura 4, as preposições com menor saliência semântica e fonética (*de* e *a*) são aquelas que mais frequentemente não são realizadas nas orações relativas cortadoras, confirmando o que já se encontra relatado noutros estudos (Veloso 2013; Santos 2014; Espírito Santo 2020).

A diferença no apagamento das restantes preposições (*com* e *em*), com a preposição *em* a não ser realizada com mais frequência, encontra-se

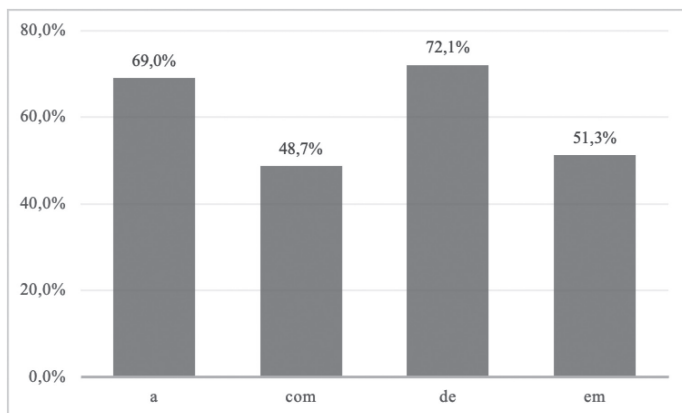
---

<sup>7</sup> A construção passiva foi utilizada por três sujeitos.

<sup>8</sup> De acordo com a nossa experiência, são recorrentes os problemas com verbos que indicam sequência, como *anteceder*, *antepor*, *seguir*, *pospor*.

também relatada, embora com diferente expressão, por Aßmann & Rinke (2017: 32): “*em* is chopped in 56 out of 84 clauses (67%), but *com* only in 5 out of 18 occurrences (28%)”.

FIGURA 4: Percentagem de não realização por preposição



## 5. Considerações finais

No PEC estão disponíveis três estratégias de relativização quando a grelha argumental do verbo prevê uma preposição: a estratégia canónica, a estratégia cortadora e a estratégia resumptiva.

Embora a estratégia canónica seja a única reconhecida pela norma e, por conseguinte, a única descrita em documentos normativos, vários estudos têm demonstrado que a estratégia cortadora é cada vez mais frequente, principalmente no discurso oral. O facto de estas construções serem encontradas no discurso oral de falantes com um nível de escolarização alto, bem como na língua escrita, designadamente no texto jornalístico, leva alguns investigadores a identificar uma mudança em curso na língua (Arim et al. 2005; Brito & Duarte 2003; Valente 2008; Santos 2014; Aßmann & Rinke 2017).

Não estando estas estruturas presentes no *input* da fala coloquial, a escola assume um papel preponderante, já que só através da instrução formal



e, eventualmente, através da exposição à linguagem do professor, estas construções serão adquiridas. No entanto, estudos realizados com alunos do sistema de ensino português demonstraram que as orações relativas preposicionadas ainda não são dominadas no final do 3.º ciclo nem do ensino secundário (Antunes & Brito 2008; Valente 2008), o que nos levou a fazer este estudo com estudantes de licenciatura que pretendem prosseguir os seus estudos em mestrados que conferem habilitação profissional para a docência.

Os resultados discutidos anteriormente parecem confirmar um processo de mudança linguística, já que a estratégia cortadora foi a mais utilizada na produção de construções relativas preposicionadas, apesar de as condições em que os dados foram recolhidos pressuporem o uso de uma linguagem mais cuidada do que a encontrada na fala espontânea. Estes dados parecem confirmar não só que a escola não está a cumprir o seu papel regulador, neste aspeto em particular, como também sugerem que a estratégia cortadora será cada vez mais dominante, já que a maioria dos futuros professores provavelmente não a dominará.

Seria importante alargar este estudo a mais alunos do ensino superior e cruzar esses dados com testes (de produção e de juízos de aceitabilidade) aplicados também a docentes do ensino básico e secundário, de forma a poder confirmar ou infirmar esta tendência.

#### REFERÊNCIAS

- Alexandre, N., 2000. *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Alexandre, N; Gonçalves, R. & Hagemeyer, T. 2011. A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (eds.). *Textos Seleccionados do XXVI ENAPL 2010*, Lisboa: APL, 17-34.
- Antunes, J. D. & Brito, A. M. 2008. Contribuição para a definição do perfil linguístico dos alunos do ensino básico: o caso das orações relativas. In F. Oliveira & I. M. Duarte (orgs.). *O fascínio da linguagem. Actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP/FLUP, 237-254.
- Arim, E.; Ramilo, M. C. & Freitas, T. 2003. Estratégias de relativização nos meios de

- comunicação social portugueses. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 279-288.
- Aßmann, E. & Rinke, E. 2017. Relative Clauses in a Spoken Corpus of European Portuguese: Identifying the Factors Determining Their Variation. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* (12): 9-39.
- Brito, A. M. 1991. *A sintaxe das orações relativas em português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Tese de doutoramento. INIC, Porto.
- Brito, A. M. & Duarte, I. 2003. Construções relativas e construções aparentadas. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Hub Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 653-694.
- Carmo, I. 2019. *A correção da língua portuguesa na imprensa*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social.
- Choupina, C. 2004. *Orações Relativas: Aspectos Descritivos e Didáticos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Costa, J. 2011. Desenvolvimento da linguagem e ensino da língua materna. In I. Duarte & O. Figueiredo (orgs.). *Português, Língua e Ensino*. Porto: Universidade do Porto.
- Costa, J., Lobo, M. & Silva, C. 2011. Subject-object asymmetries in the acquisition of Portuguese relative clauses: adults vs. children. *Lingua* 121.6: 987-1158.
- Costa, J., Lobo, M.; Silva, C. & Ferreira, E. 2009. Produção e compreensão de orações relativas em Português Europeu: dados do desenvolvimento típico, de PEDL e do agramatismo. In *Textos Seleccionados, XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 211-224.
- Espírito Santo, A. 2020. Relativas cortadoras: mover e cortar? Ou cortar antes de mover?, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.º 7: 151-175.
- Fontes, E. 2008. *A produção de frases relativas restritivas no final do 1º e 2º ciclos do ensino básico*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Lisboa.
- Peres J. & Mória, T. 1995. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, C. S. 2014. *Relativas cortadoras no português europeu falado: interação com as variáveis sociais*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Sim-Sim, I. 1998. *Desenvolvimento da linguagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. 1997. *A língua materna na Educação Básica, Ministério da Educação*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Tarallo, F. 1983. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, Dissertação de Doutoramento. Universidade de Pensilvânia.

- Valente, P. 2008. *Produção de frases relativas em alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino Secundário*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Vasconcelos, M. 1991. *Compreensão e produção de frases com orações relativas. Um estudo experimental com crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Veloso, R. 2013. Subordinação relativa. In E. Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2061-2136.